

O REINO CADAVEROSO OU O PROBLEMA DA CULTURA EM PORTUGAL

Aos futuros investigadores portugueses, que radicarão no País a verdadeira cultura — e disciplina crítica — e aos meus amigos da Faculdade de Medicina de Lisboa e do Instituto Câmara Pestana

O fatal século de Seiscentos, em que parece que neste reino houve a invasão da Estupidez, bem como agora houve a invasão dos Franceses...

JOSE AGOSTINHO DE MACEDO

A uma geração de filósofos, de sábios e de artistas criadores sucede (na Península Ibérica) a tribo vulgar dos eruditos sem crítica, dos académicos, dos imitadores...

ANTERO DE QUENTAL

A peine aujourd'hui nous est-il permis d'exprimer et d'apprécier le suc des doctrines qui fleurirent au XVII siècle.

DUHEM

Nous ne faisons aucun fondement sur les autorités, quand nous citons les auteurs, nous citons leurs démonstrations, et non pas leurs noms.

PASCAL

A América faz hoje duzentos anos que estava tão longe do mundo como nós estamos. — O nome, que não sem-razão nos chamam, de *cafres* da Europa...

ANTÓNIO VIEIRA

Tempo de trevas e ignorância [o século XVII português].

CUNHA BROCHADO

O problema da cultura, o problema da mentalidade: este é se me não engano, o problema característico do Portugal moderno, e o mais grave dos problemas da sociedade portuguesa. Com efeito, se olharmos o nosso passado, ver-se-á que até o fim do Quinhentismo Portugal acompanha galhardamente o melhor espírito europeu, a mentalidade dos povos cultos; então, pode-se dizer que ele está na Europa, e a muitos respeitos na vanguarda

dela; mas depois... Depois, desde essa data, o facho apaga-se; e o que se vê posteriormente é o estacar (o cair de golpe) desse Portugal do Renascimento. O espírito português do Quinhentismo — foi promessa que se não cumpriu. Dá-nos a impressão de um adolescente, talentoso e prometedor, a quem uma doença do sistema nervoso viesse arrancar subitamente os dotes físicos e mentais. Passa-se do Reino da Inteligência — para o Reino da Estupidez; e enquanto a França, a Suíça, a Itália, a Holanda, a Alemanha, a Inglaterra fazem ampliar no século XVII as conquistas do Renascimento, com um grande esplendor de sol meridiano (o passo mais decisivo, decerto, de toda a história do pensar humano), nós regressamos à Idade Média no que respeita à faina da investigação científica, da busca da inteligência do Universo. Assim, pode dizer-se resumidamente, no ponto de vista intelectual, que a história do País no Seiscentismo é o espectáculo do estiolamento da mentalidade portuguesa; e que a sua história no século XVIII, e que a sua história no século XIX, é a das goradas tentativas para nos repararmos desse grande mal. Depois dos dias do Quinhentismo, o que se chama espírito moderno nunca mais vigorou na nossa terra — se bem que brilhasse, por vezes, em alguns portugueses excepcionais, que se cultivaram no estrangeiro, que se não entenderam com os seus patrícios, e que combateram sem resultado a mentalidade do seu país. Para Ribeiro Sanches, no século XVIII, Portugal é o «Reino Cadaveroso»; e um satírico inteligente chama-nos «o Reino da Estupidez».

E agora? Agora, no século XX? Agora — estamos na mesma. Relativamente, no mesmo estado. Não nos iluda a existência de portugueses excepcionais, que se educaram nos laboratórios e nas leituras dos estrangeiros. A cultura autêntica, a cultura crítica, não impera ainda em Portugal. Somos o «Reino Cadaveroso»; somos o «Reino da Estupidez». Não digo isto para desanimar: bem ao contrário: pois nesta mesma cidade em que estou falando¹⁴, e nos próprios campos onde aloura o trigo, se pressente já um arrebol. Vingará? Não sei. Portugal, por enquanto, é ainda o Reino da Estupidez: mas espero para breve (e para muito breve) a aurora do dia em que o não será.

Não buscarei, neste momento, quais fossem as causas verdadeiras dessa morte do espírito crítico, mal despontou no nosso país: desejo tão-só nesta palestra (e valendo-me da ideia, bem necessária, de que a vossa paciência é infinita) lembrar em resumo e superficialmente a história curta do seu nascer, da sua morte, e dalguns tentames de o ressucitar.

O espírito da Idade Média, quando comparado com o moderno espírito, pode-se esboçar do seguinte modo: apego ao Dogma e à Autoridade; e portanto, como é óbvio — limitação do espírito crítico, ausência do método experimental. Espírito crítico, aplicação da Matemática, método experimental, por seu turno, são os caracteres do moderno intelecto —, digo da mentalidade audaciosa que no século XVI desabrochou, para no XVII se firmar: um século de luz para a restante Europa (o maior século de luz para a restante Europa), e um século de treva para Portugal.

Houve na Idade Média, como sabeis, um labor intenso e pertinaz: o da Escolástica; mas foi uma faina, por assim dizer, em vaso fechado: foi um comentário que não tinha fim, muito paciente e muito subtil, de concepções tomadas como definitivas e que se não podiam pôr em dúvida. Não falemos na religião, porque não é preciso: tratemos do estudo das coisas físicas, falemos nas ciências naturais. Estas, como se sabe, foram tomadas pela Escolástica como constituídas definitivamente pelas especulações aristotélicas. Em Aristóteles, segundo os Escolásticos, estava tudo: nada que investigar ou que discutir: só havia que comentar. Na Ciência da Natureza (a qual, para abreviar, designarei por «Física») as especulações aristotélicas foram tidas pela Idade Média como uma coisa tão dogmática, perfeita, indiscutível, como a Bíblia nas questões de fé; e para que esses textos aristotélicos se conciliassem completamente com as hipóteses transcendentais, ditadas pela teologia, foi necessário mumificá-los, cortando a possibilidade, pois, de qualquer progresso. (O grave da ocorrência, quero advertir, não era que a autoridade fosse uma ou outra: era que houvesse uma autoridade qualquer). Aristóteles fazia corpo, desta maneira, com a dogmática do Cristianismo, e divergir dele em um ponto de Física (tal como a Escolástica o entendia) era tão herético e imperdoável como negar o próprio Deus. Em suma: tomava-se Aristóteles como divino, inquestionável, onde ele é nulo: no sistema científico da sua obra, na sua Física qualitativa — a qual afastava, como sabeis, a concepção mecânica da Física, quantitativa e matemática, a única fecunda e de futuro, a única que permite a verificação rigorosa. E o mesmo sucedia para com outros autores. O espírito crítico e investigador, e os métodos portanto do experimentalismo, estavam excluídos por definição.

Assim, toda a vida intelectual desse tempo, no que toca ao estudo do mundo físico, ficou reduzida a comentários. Comentar livros da Antiguidade; comentar, subtilizar, recomendar. Era um sonho de subtilidades formais, um jogo verbal de ilusões aéreas.

Esmoia-se sempre um eterno cibo, de nulo valor alimentar; ia-se percorrendo um eterno círculo, como o cavaleiro no redondel. Eis a coruja de Minerva crucificada num madeiro... E depois? Como se saiu desta prisão?

Quando nos amarram bem amarrados, só pode salvar-nos uma força *externa*: e isso foi o que sucedeu. Deu-se uma intervenção objectiva, que arrastou os espíritos a sair do dogma, e a saltar dos textos para o mundo real.

Na Antiguidade, o desenvolvimento da indústria e do comércio longínquo, a comunicação com homens de costumes diversos, havia compelido a cidade de Atenas às revoluções intelectuais: a revolução dos sofistas, a revolução de Sócrates; agora, analogamente, o desenvolvimento da sua indústria, a expansão do seu comércio, levaram a Europa do Renascimento à transformação da mentalidade. Dois povos (o italiano e o nosso) se viram à testa da revolução. A faina industrial e o comércio marítimo impeliram à revolução o Italiano; e foram as navegações e os descobrimentos (filhos de necessidades comerciais) que iniciaram na nova atitude a mentalidade do Português.

A ciência mecânica da natureza, pois, saiu da indústria florescente das cidades italianas, que buscavam exceder-se umas às outras nas actividades da fabricação, no achado de processos e de máquinas novas. O uso das forças da Natureza levou ao sistemático conhecimento das suas maneiras de actuar, obrigando os espíritos reflexivos à investigação das suas leis. Abra-se, por exemplo, uma das obras de Galileu, o primeiro dos seus *Discursos e Demonstrações Matemáticas sobre Duas Ciências Novas*, e ver-se-á que na boca de Salviati (a principal personagem do diálogo — pois é um diálogo) põe o fundador da ciência moderna as seguintes palavras proemiais:

Largo campo de filosofar me parece que subministra aos intellectos especulativos a prática frequente do vosso famoso arsenal, Senhores Venezianos; e em particular naquella parte que tem o nome de mecânica; pois numerosos artífices empregam aqui continuamente máquinas e instrumentos novos;

e a estas considerações responde Sagredo, outra personagem do diálogo:

Vossa Senhoria não se engana; e eu, sendo curioso de meu natural, visito com frequência este lugar, conversando assiduamente com os que nós, por certa preeminência de que gozam sobre os outros oficiais, chamamos os *protos*. a conversação dos quais me tem ajudado muitas vezes na pesquisa da razão de efeitos não somente maravilhosos, mas recônditos ainda e quase inopináveis¹⁵.

Assim sucedeu. Assim se criou nos Italianos a mentalidade do homem moderno. Mas foi necessária aos seus fundadores uma luta tenaz e violentíssima, como é de prever, contra a tirania da Autoridade, que era neste caso a de Aristóteles; luta a favor da criação sem peias, da liberdade de investigação da Físis, dos processos críticos e experimentais. Resistiram com ferro e fogo as gentes fanáticas da Autoridade; e libertar-se do escolasticismo foi o problema que então se impôs. Todos os campeões do novo método insistem na necessidade fundamental de se investigar com espírito livre: «animus liber», no dizer de Kepler; «ingegno libero» no Galileu. Diz Joaquim Rhético, o primeiro discípulo que Copérnico teve, aludindo às relações do seu grande mestre com os astrónomos da velha escola: «Quem quer fazer investigações deve possuir espírito livre». Isto, que nos parece hoje coisa tão simples — era uma audácia descomunal.

Foi Bacon Verulano aquele que escreveu, por assim dizer, o rubro manifesto deste novo espírito; mas foram Galileu e Leonardo da Vinci que concretamente o instituíram, como processo nítido de investigação. O que nos manuscritos de Leonardo da Vinci interessa sobretudo os homens de hoje — é, por um lado, a ideia da importância essencial do novo método experimentalista, e do correlativo espírito crítico; e, por outro, a de que sem a aplicação da Matemática à Física não há ciência física que se tome a sério. «Nessuna umana investigazione si pò dimandare vera scienza s'essa non passa per le matematiche dimostrazione... Nessuna certezza è dove non si può applicare una delle scienze matematiche, over che non sono unite con esse matematiche!». A Física, pois, ou é Física *quantitativa* (o contrário da de Aristóteles), ou não é nada. Galileu, por seu turno, o mais completo dos criadores da nossa moderna mentalidade, não só instituiu este novo método ao criar os princípios da moderna mecânica, como formulou a marcha lógica da investigação experimental, muito melhor do que fez Bacon. Descobre-se (diz ele) imaginando certas hipóteses sugeridas pelas experiências, e mostrando depois, por dedução, que as hipóteses imaginadas concordam com outras experiências. O método analítico ou regressivo (a que chama «método resolutivo»), e o método sintético, ou progressivo (a que chama «método compositivo»), completam-se pois reciprocamente.

É a propósito da astronomia, como se sabe, que a luta de Galileu com os Peripatéticos atinge os domínios da musa trágica. Ainda aqui, foi a experiência que decidiu o sábio. Kepler, nos seus trabalhos, abordara o problema dedutivamente; foi indutivamente que Galileu o tratou. Depois, tão-só, de cons-

truído o seu telescópio, e de descobertos com ele os satélites de Júpiter, é que se decidiu às declaradas pelo sistema de Copérnico — que punha o Sol, e não a Terra, no centro do sistema a que pertencemos.

Negavam-se os Peripatéticos a observar pelo telescópio, para não verificarem por meio dele variações do firmamento, inteiramente incompatíveis com as concepções aristotélicas. Submetido Galileu à Inquisição, condenaram-no à pena de calar a Verdade — a verdade pura, demonstrável e demonstrada... «Deus é Espírito», diz o Evangelho, «e é necessário que aqueles que O adoram O adorem em Espírito e em Verdade»... A alma de Cristo, porém, jazia sepultada pela própria Igreja, e era aos mártires da Inquisição que cumpria a tarefa de a ressuscitar:

logo em seguida
disseram que era um deus... e amortalharam-me!¹⁶

Mas não nos alonguemos nesta cena lúgubre, e vamos observar em relance breve aquilo que se passava em Portugal.

O papel libertador que teve na Itália, como já vimos, a actividade mecânica industrial, teve-o entre nós a Navegação, que a países exóticos nos fez abordar. Ela nos forçou ao exame directo dos fenómenos da Natureza. As necessidades da pilotagem nos conduzem ao estudo das matemáticas, que aqui culminam com Pedro Nunes; e a visão assídua de espectáculos novos — de novas terras, de novos mares, de climas novos e de estrelas novas — mostrava aos Portugueses a cada passo os erros enormes das Autoridades, a cujas afirmações se prestara fé como a revelações do próprio Deus.

Em casos de simples observação da Físis, na mera descrição dos objectos de estudo — dos minerais, dos vegetais, dos animais, das suas origens e propriedades — e tratando-se de coisas dos nossos climas (coisas familiares, por isso, ao espírito dos seus autores), eram os textos da Antiguidade suficientemente verdadeiros; ao descreverem, porém, os produtos das regiões longínquas, as cinco dos textos acumulavam-se — conspícuas, rotundas, descomunais, imediatamente verificáveis para quem pudesse conhecer as coisas por sua directa observação. Ora, essa visão da realidade exótica puderam tê-la os nossos avós nas suas grandes navegações; notaram os enganos das Autoridades (profanas e eclesiásticas), e perderam portanto perante os textos a atitude da superstição. Eram as flâmulas do Espírito Crítico que nos vinham sopradas dos mares longínquos, e içadas nos topes das nossas naus.

Discutindo ideias das Autoridades que a experiência das Navegações mostrara falsas, diz Duarte Pacheco no seu *Esmeraldo*: «a experiência, que é madre das coisas, nos desengana, e de toda a dúvida nos tira»; e adiante exclama: «a experiência é madre das coisas, e por ela soubemos radicalmente a verdade». «A experiência nos tem ensinado», acrescenta ele; «a experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar... que a melhor parte do saber de tantas regiões e províncias ficou para nós, e nós lhe levámos a virgindade... e nestas coisas a nossa nação dos Portugueses precedeu todolos antigos e modernos em tanta quantidade, que sem repreensão podemos dizer que eles, a nosso respeito, não souberam nada». Vede que belas, que triunfantes, que sublimes palavras as deste herói; e como tais palavras, para os homens de hoje, significam uma coisa muito mais grandiosa, muito mais amada, que a vitória do seu autor na defesa dos Passos de Cambalão. «A experiência é madre das coisas, e por ela soubemos radicalmente a verdade»: sim, meus senhores: fixemos na memória esta frase de ouro, esta frase auroral que resume um século — já pelo caminho que ela traça ao espírito, e já (mais ainda) pela *atitude crítica* em que se gerou: a «experiência é madre das coisas, e por ela soubemos radicalmente a verdade». Com a audácia própria de um verdadeiro herói, nela se exprime concisamente o *fiat* augusto de uma revolução. A verdade, para o escol lusíada daquela época, já se não busca radicalmente pelo estudo comentado dos autores antigos: vai procurar-se na investigação do real; pede-se agora à experiência das coisas, bem interpretada pelo entendimento, com ânimo isento de sujeições. O autor de frases tão decisivas, de tanta energia em potencial, é assim um homem representativo de Portugal soberbo que alvorece então — flor de pensamento que não chegou ao fruto, prenúncio do Portugal que deveria ter sido, esperança sublime que se estiolou!

Galileu, para com a modéstia e a cautela precisa poder dar ideia deste novo espírito, e para o pôr em contraste com o da Idade Média — escreveu em diálogo. Uma das personagens do diálogo sobre os sistemas astronómicos, Sagredo, exprime as audácias da nova atitude; outra, mais circunspecta (a que deu o nome de Silviano), tempera as coisas prudentemente e serve de escudo ao seu autor; uma terceira, Simplício, representa os pedantes peripatéticos, os comentadores de medieval atitude. Ora, o mesmo artifício, e para fins idênticos, usou entre nós o Garcia de Orta (que depois de falecido, como sabeis, veio a ser condenado pela Inquisição de Goa).

Em Orta achamos o fenómeno típico da nossa mentalidade do Quinhentismo, que em Duarte Pacheco observámos já. Chegado ao Oriente, pôde comparar as drogas exóticas, que seus olhos viam, com as descrições das Autoridades: e então a experiência, «madre das coisas», mostra-lhe que os textos também erravam: e cai o critério da Autoridade, base incontestada da sabedoria medieva.

As principais personagens dos seus *Colóquios* são o Doutor Ruano e o Doutor Orta. O Doutor Ruano é o homem dos textos, autoritarista e comentarista (correspondente, por esse facto, ao Simplício de Galileu). Sabe de cor as Autoridades: o seu Dioscórides, o seu Plínio... O Doutor Orta, por outro lado, é o navegante e quinhentista, que opõe às Autoridades um simples *vi*: «vi, claramente visto», como diz Camões.

No *Colóquio do Benjoim*, por exemplo, Ruano opõe uma objecção, derivada das Autoridades; e Orta responde:

— «Não me ponhais medo com Dioscórides nem Galeno: porque não hei-de dizer senão a verdade, e o que sei»...

No *Colóquio da Pimenta* o Doutor Ruano, assustado, pretende salvar a intangibilidade dos textos, observando:

— «Parece-me que destruí todos os escritores, antigos e modernos! Por isso — olhai o que fazeis!»; e passa a ementar os dizeres de Plínio, de Dioscórides, e de muitos mais. O Doutor Orta, obtido esse efeito, não diz que sim nem diz que não (quem cala consente...) e limita-se a seguir como se nada fosse, e a contar o que *vira* no Malabar — coisas que, divergindo dos textos das Autoridades, ele as sabia (palavras suas) «muito bem sabidas, como testemunha de vista».

É este o momento da maior altura na vida mental do nosso país. Estamos no seu máximo de esplendor, no solstício estival da sua marcha. Não somente o Garcia de Orta nos aparece aqui na atitude crítica, mas até nos diz explicitamente o valor que dava à observação, e os efeitos mentais que cumpria adscriver aos novos descobrimentos dos Portugueses. Repetindo, sem o saber, Duarte Pacheco, a certa altura exclama ele: «sabe-se mais em um dia agora pelos Portugueses do que se sabia em cem anos pelos Romanos» — quer dizer: mais em um dia de investigação directa, livre, que em cem anos de leitura das Autoridades; e quando Ruano, no *Colóquio da Maça*, adverte que Serápio citara os Gregos a propósito da noz moscada, vemos o Doutor Orta responder-lhe:

— «Fez isso porque havia medo de dizer coisa contra os Gregos; e não vos maravilheis disto: porque eu, estando em